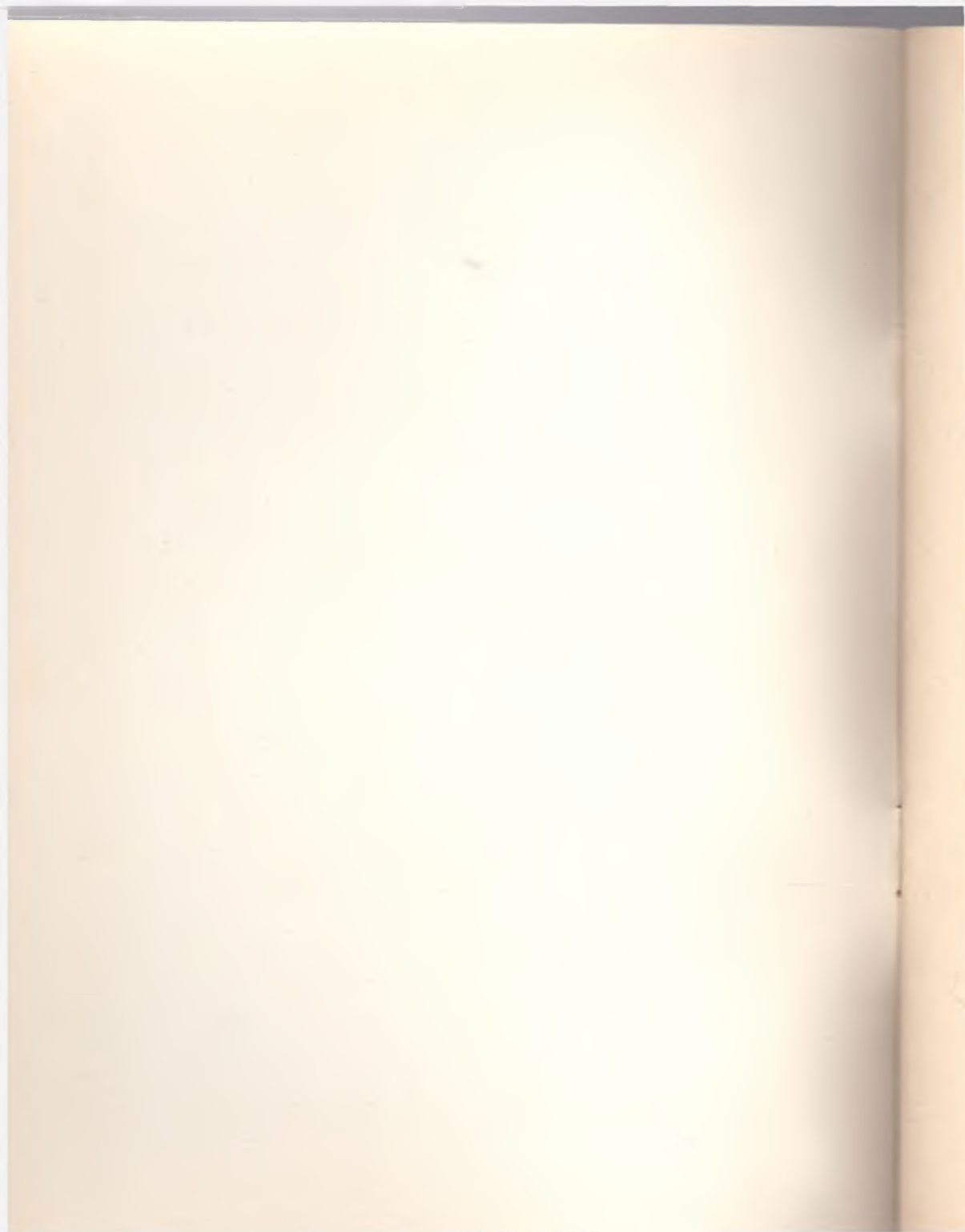


Documentos N. 2

A PERSEGUIÇÃO DE 1855



FONTES DE VIDA

Estudos e reflexões  
sobre a herança das  
Religiosas do Sagrado  
Coração de Maria

A Perseguição de 1855

:

Documentos N.2

Novembro de 1983

Introdução e notas: Marjorie Keenan, RSCM  
(Coordenadora Fontes de Vida)

Tradução: Margarida Maria Gonçalves, RSCM  
(Província Portuguesa)

Capa: Bianca Haglich, RSCM  
(Província Americana de Leste)

## INTRODUÇÃO

Na biografia do P. Gailhac, escrita em 1895 pelo P. Henri Maynard, encontramos a narrativa duma perseguição que ocorreu em 1855. Segundo Maynard, atingiu não só o P. Gailhac, mas também os Padres do Bom Pastor e as Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Eis como Maynard refere o que se passou. (1)

Era esta a primeira prova entre as muitas que tiveram de sofrer os Padres do Bom Pastor, fundados pelo P. Gailhac em 1850. Um dia Mgr. Thibault, bispo de Montpellier, dissera ao P. Gailhac que parecia que ele tinha chegado ao fim dos seus trabalhos. O P. Gailhac respondeu que não estava convencido disso, porque Deus o tinha provado sempre e que Ele provava as pessoas que O seguiam. Algum tempo depois, o P. Gailhac caiu numa profunda tristeza. Quando o P. Gibbal, antigo advogado e irmão da Madre St. Stanislas Gibbal, o interrogou a esse respeito, respondia que os ameaçava uma grande desgraça. Ôito dias depois aproximadamente, uma religiosa em quem se depositava "uma grande esperança" caiu doente; morreu dentro de 48 h. (2) Uma irmã oblata tinha falecido cerca de dois meses antes. (3) Ninguém sabia onde vivia a mãe que nunca tinha vindo vê-la. Era portanto impossível preveni-la da morte da filha. Cartas anónimas denunciaram o P. Gailhac ao procurador geral, assim como ao prefeito do departamento de Hérault e ao bispo. Acusaram de homicídio o P. Gailhac que esperava assim esconder um crime mais abominável. O procurador mandou redigir uma informação em regra. Foram ouvidas testemunhas,



entre elas o P. Gailhac e o P. Gibbal. O escândalo era enorme. Os Padres do Bom Pastor não podiam ir à cidade sem serem cobertos de injúrias e as Religiosas do Sagrado Coração de Maria foram feridas "no seu mais precioso tesouro". O P. Gailhac estava esmagado de dor. A mãe procurava consolá-lo: Gailhac, coragem, "Deus é mais forte do que os homens." O que o afligia mais era ver que o bispo não respondia às suas cartas e parecia prestes a interditi-lo. Além disso, o procurador geral apresentou uma exposição magnífica ao bispo. Enfim, na sua última doença, o mais furioso dos caluniadores retratou-se diante de testemunhas.

Durante os anos 1950, no momento do Processo Apostólico na perspectiva da beatificação do P. Gailhac, procuraram analisar esta narrativa. Apesar de pesquisas cuidadosas em diferentes arquivos e bibliotecas, não se encontrou nenhum documento oficial relativo a este processo. Um pouco mais tarde, a Secção histórica da S.C. dos Ritos decidiu mandar verificar historicamente tudo o que o P. Maynard dizia do P. Gailhac na sua biografia, visto que várias testemunhas no processo lhe faziam referência. Novamente foram efectuadas pesquisas, desta vez pelo P. Michel de Lattre, para encontrar documentos que pudessem apoiar a narrativa desta perseguição. O P. de Lattre encontrou algumas informações suplementares com notas do P. Gibbal, testemunha ocular, que são sensivelmente semelhantes ao conteúdo da biografia de Maynard, mas não mencionava qualquer retratação. O P. de Lattre também encontrou duas cartas do paço episcopal que provam que o bispo comunicou indirectamente com o P. Gailhac e que não tinha nenhuma intenção de o interditar. O bispo não quis entrar em contacto directo com o P. Gailhac afim de melhor poder defendê-lo, se fosse esse o caso. (4)

A biografia de Maynard, verificada pelo P. de Lattre, apareceu em 1962. Numa nota, o P. de Lattre indica os documentos que faltam: o auto de abertura de informação judiciária, os nomes das testemunhas e dos médicos ouvidos pelo juiz de instrução, o mandato de improcedência judicial, a exposição do procurador geral ao bispo e o nome do principal caluniador, assim como o texto da sua confissão feita diante de testemunhas.

Na primavera de 1963, o Cónego J. Maréchal, da diocese de Montpellier, fazia pesquisas nos arquivos do departamento. Num dossier com a indicação de confidencial, que nada suspeitava dizer respeito ao P. Gailhac, encontrou documentos relativos à perseguição de 1855. Copiou-os para os enviar à Madre Rita Rowley. Em 1973, foram encontrados outros documentos numa mala em Seafield, Great Crosby, Inglaterra. Logo, nós possuímos actualmente quase todos os documentos históricos relativos a esta perseguição. Faltam ainda o auto de abertura da informação judiciária, os depoimentos do P. Gailhac e do P. Gibbal e ainda o nome e a retratação do caluniador. Todos os documentos em nossa posse confirmam, quanto ao essencial, a narrativa de Maynard. Permitem no entanto supor que foi o P. Gailhac quem iniciou o processo jurídico por causa da desordem no cemitério, no momento do enterro da Madre St. Basile Jeanjean.

Estes documentos encontram-se reunidos nas páginas que se seguem. Foram transcritos integralmente, com excepção de algumas modificações da ortografia. Alguns depoimentos são apresentados resumidamente para evitar repetições inúteis. Vem, em anexo, a lista completa dos do-

cumentos com a indicação do lugar onde se encontram os originais.

Marjorie Keenan, RSCM  
Coordenadora, Fontes de Vida  
Roma, 28 de Setembro de 1983

#### Notas

- (1) Edição original pág.210-213. Edição verificada por de Lattre, pág.124-129.
- (2) Madre St. Basile Jeanjean
- (3) Irmã Séraphine Cannac
- (4) Ver nota 10, edição da biografia de Maynard verificada por de Lattre, pág.434-453. Ver também documentos XVII a XIX pág.360-370.



DOCUMENTO I

*Carta do dito Paul Louis ao Prefeito do Departamento do Hérault*

*Béziers, 25 de Setembro de 1855*

*Uma cópia desta mesma carta foi enviada ao Procurador Geral. Encontravam-se as duas em Montpellier.*

Senhor Prefeito

É para cumprir um dever que levo ao conhecimento da autoridade um facto que ela poderia ignorar e que, se se reconhecer que é verdadeiro, deve provocar toda a sua severidade. (1)

Uma jovem, Jeanjean, fazia parte do pessoal de um convento, dito de mulheres arrependidas, propriedade exclusiva do P. Gailhac, que ele dirige sem controlo da autoridade e com o despotismo e o sigilo dum inquisidor. O rumor público informa finalmente os pais desta jovem que ela sofre duma doença prolongada e perigosa; mas é inutilmente que eles solicitam licença para a tratar; são afastados, sobretudo a mãe; só o pai foi admitido durante raros e breves instantes.

No dia 17 deste mês morre a jovem: os seus numerosos parentes insistem ainda mais em vê-la. Tendo-lhes sido recusado, passam a noite à porta do convento para, ao menos, acompanharem o funeral. Junto da sepultura suplicam uma última vez e, em seguida, exigem vê-la; a recusa a este pedido faz transbordar a sua indignação. Um deles lança-se sobre o caixão, mas é em vão que se esforça por arrombá-lo porque, contra o

costume, estava atado com cordas fortes. Segue-se uma cena de gritos, de desordens, de escândalo e até de pugilato. Os pais sucumbem; são afastados e a terra cobre precipitadamente um cadáver e o público acrescenta algum terrível mistério...

O infeliz pai dispunha-se a pedir justiça e vingança, mas a sua posição de dependência contribuiu para a eficácia de poderosas influências; o pai limita-se a gemer e a calar-se.

A enormidade do escândalo vindo a público, apesar da mais minuciosa precaução, despertou algumas recordações que levaram ao cúmulo a indignação da população, que se traduz em rumores e em ditos duma extrema gravidade. Que grave motivo, dizem, poderia haver para afastar os parentes, sobretudo uma mãe, se não fosse o medo de uma investigação da qual tinham interesse em libertar-se? Qual era pois o estado desta jovem? Porque envolver em mistério a causa da sua morte? As autoridades tomarão a peito esclarecer-se. Mas, que elas saibam que as suas investigações deverão recorrer a várias fontes e ser múltiplas, persistentes e sérias. Terão que lutar com um homem que se coloca num pedestal aos olhos de alguns fanáticos da religião, ostentando uma filantropia calculada; servindo-se sempre da religião como máscara para chegar aos seus fins ambiciosos e interesseiros; ontem quase pobre, hoje é rico e esta fortuna pessoal e considerável, deve-a à captação exercida sobre a fraqueza de espírito de alguns crédulos e principalmente duma viúva que se despojou da sua fortuna em seu favor, em detrimento de parentes necessitados. O carácter sagrado de que está revestido, muito longe de moderar a sua ambição, assemelha-se a uma máscara para afrontar impu-

nemente a indignação pública e até mesmo (palavras ilegíveis) numeroso clero da cidade.(2)

Uma cópia da presente é dirigida ao Senhor Procurador Geral.

Digne-se aceitar, Senhor Prefeito, o penhor dos meus profundos respeitos.

Paul Louis

#### Notas

- (1) Em religião Madre St, Basile. Morreu a 18 de Setembro de 1855.
- (2) Na cópia da carta dirigida ao Procurador Geral, a frase lê-se como se segue: "O carácter sagrado de que está revestido muito longe de temperar a sua ambição, parece ser um meio para afrontar a opinião pública e, do mesmo modo, a repulsa do digno e numeroso clero da cidade."

DOCUMENTO II

*Carta do dito Paul Louis ao Prefeito do Departamento do Hérault*

*Béziers, 26 de Setembro de 1855*

Senhor Prefeito

Espero que a minha boa intenção me sirva de desculpa da minha persistência em lhe lembrar um facto de que acabo de ter conhecimento neste instante e que é idêntico em gravidade àquele para o qual me permiti chamar-lhe a atenção.

A menina Cannac, de 20 anos de idade, natural de Béziers. (1) Dominada por uma obsessão do seu director, o P. Gailhac, e ninguém poderia exercê-la com mais força, abandona a mãe a quem sustentava com o seu trabalho e acompanha o confessor ao seu convento. Esta infeliz mãe, tão duramente abandonada por sua filha, só pode visitá-la raramente durante o espaço de dois anos, afastada pelo P. Gailhac, sob toda a espécie de pretextos sempre falsos.

Há cerca de dois meses, a família toma conhecimento, quase por acaso, de que a menina Cannac morreu e foi enterrada havia oito dias... a família indignada rompeu em soluços e censuras, mas não conseguiu obter a mínima informação. Mesmo no cemitério (palavras ilegíveis) que o túmulo não tinha sido designado por uma cruz com o seu nome, como obrigam os regulamentos da província. (2)

A investigação da polícia deve passar por aí.



Na origem da Fundação, o Senhor Bispo procura, por meio de medidas prudentes, impedir o que o isolamento, a dominação única, absoluta, sem controlo, do P. Gailhac, poderiam ocasionar de repreensível ou vicioso. As senhoras tão dignas de misericórdia foram introduzidas e encarregadas do pormenor da casa. Mas a permanência tornou-se-lhes tão penosa, que foi necessário retirá-las. O rumor público e geral foi que o P. Gailhac tinha sido capaz de se tornar seu Superior favorável, por meio da entrega de uma soma importante. O Senhor Bispo certamente não tolerava desonestidades, mas a sua confiança enganou-o a ponto de ignorar essas desonestidades.

Digne-se aceitar, Senhor Prefeito, o penhor dos meus profundos respeitos.

Paul Louis

#### Notas

- (1) Em religião Irmã Séraphine, Irmã Oblata. Morreu a 25 de Agosto de 1855.
- (2) Na cópia dirigida ao Senhor Procurador Geral, lê-se a frase que se segue: "No cemitério o guarda respondeu que o túmulo não tinha sido designado por uma cruz com o seu nome, como obrigam os regulamentos da polícia."



DOCUMENTO III

*Carta do Prefeito do Hérault ao Sub Prefeito  
de Béziers*

*Montpellier, 27 de Setembro de 1855*

*Esta carta foi marcada: confidencial*

Senhor Sub Prefeito de Béziers

Tenho a honra de lhe comunicar duas cartas que me foram dirigidas e cujo autor, sob o nome de Paul Louis, a propósito de factos particulares que se teriam passado na Congregação de mulheres dirigidas pelo P. Gailhac, ataca vivamente o procedimento deste eclesiástico.

Peço-lhe, Senhor Sub Prefeito que se digne examinar estas denúncias e comunicar-me, ao devolver-mas, a sua opinião baseada sobre as consequências que essas virão a acarretar.

Agréés.

( Assinatura )

DOCUMENTO IV

*Carta anónima dirigida ao Procurador Geral  
Béziers, 27 de Setembro de 1855*

*Esta carta é escrita aparentemente por outra  
pessoa. É interessante notar como o autor in-  
cita o Procurador Geral a agir.*

Ao Senhor Procurador Geral

Uma jovem das mais bonitas da cidade, que tinha entrado como religiosa no convento do Bom Pastor acaba de morrer no espaço de 12 horas, com a idade de 20 anos. A opinião pública supõe que ela estava grávida e que há um crime, considerando além disso, a moralidade do Director Capelão deste Estabelecimento. Este suposto escândalo faz tanto barulho aqui, que é, creio, vosso dever tomar as medidas necessárias para chegar a descobrir a verdade. A instrução deste processo não é seguida como merece sê-lo, provavelmente em virtude da ausência do Senhor Procurador Imperial e do vosso juiz de instrução.

A minha posição de homem de ciência não me permite assinar esta carta.

Sou com muito respeito

D<sup>n</sup> M<sup>e</sup>, assinado x

## DOCUMENTO V

*Cópia do processo contra os autores das desordens e interrupção do exercício do culto na ocasião do enterro da dita Jeanjean, em religião Irmã St. Basile, do Convento do Bom Pastor.*

*2 de outubro de 1855*

*Nesse dia compareceram perante o tribunal nove pessoas, todas parentes ou amigos das defuntas, com exceção do médico do Convento do Bom Pastor. Faltam-nos sempre os depoimentos do P. Gailhac e do P. Gibbal. O P. Maynard, na sua biografia, afirma que os dois devem ter comparecido perante o tribunal e nada nos leva a crer que esta narrativa não é exacta. No entanto, é interessante notar que a epígrafe deste documento poderia deixar supor que foi o P. Gailhac que quis esta diligência judiciária. A carta do Sub Prefeito de Béziers ao Prefeito do Hérault (ver Documento VI) confirma-o. Visto que as testemunhas se repetem, só citamos integralmente os depoimentos mais importantes.*

Louis jeanjean  
43 anos  
jardineiro  
florista

Depõe:

Há cerca de dezoito meses, minha filha Marie Claire entrou no convento do P. Gailhac, como religiosa. Tinha manifestado esta vocação desde a sua infância, mas eu tinha empregado todos os meios em meu poder para a desviar. Como eu não queria dar-lhe o dinheiro necessário, exigido na maior parte das comunidades, ela tinha

escrito para Montpellier a informar-se de alguma casa religiosa onde pudessem recebê-la sem dote. O Senhor Ramadier, pároco de St. Jacques, seu confessor, que apreciava a conveniência dos motivos que me faziam agir, procurava persuadi-la a permanecer connosco na casa paterna, ao menos até à idade de vinte e um anos. Infelizmente, minha filha que ia algumas vezes à missa à capela da Propriedade de Bayssan, que pertencia a Mme. Cure ou ao P. Gailhac, travou aí conhecimento com ele. Desde então a sua impaciência de entrar no convento tornou-se excessiva. Foi impossível contrariá-la mais tempo. No dia 22 de Abril de 1854, disse-me adeus assim como à mãe e, apesar das nossas lágrimas, veio para Béziers acompanhada pela irmã mais nova e entrou no convento do P. Gailhac. Não exigiram nenhum dote em dinheiro, mas a minha filha tinha um enxoval de roupa branca bastante considerável.

Durante os três primeiros meses da sua estadia no convento eu estava tão abatido que não ousava ir vê-la. Contentava-me em andar à volta dos muros, toços os domingos, como um homem verdadeiramente desesperado. Finalmente decidi-me a entrar e encontrei a minha filha muito bem de saúde e satisfeita com a situação de religiosa. Mais tarde, voltei a vê-la de tempos a tempos e minha mulher também ia.

Por volta do mês de setembro de 1854, na época em que grassava em Béziers a epidemia de uma febre maligna, minha mulher veio ver a filha e responderam-lhe que ela estava doente, sem lhe dizerem o que ela tinha e que a regra da casa não permitia que a visitasse. A sua insistência foi inútil e o desgosto que sentiu com esta recusa foi tão grande que, a caminho da propriedade de Poussan, um dos nossos amigos, o Sr. Garrance (?)



curtidor de peles, encontrou-a tão pálida e abatida que a trouxe no seu carro. A minha mulher voltou mais uma vez ao convento e também não pode comunicar com a filha. A irmã apresentou-se lá várias vezes sem obter melhor resultado. No domingo seguinte fui eu próprio ao convento e não puseram nenhuma dificuldade em me receber. Encontrei a minha filha um pouco melhor da febre. Parece no entanto que não lhe tinham falado da visita da mãe e da irmã. Acontecia muitas vezes que as minhas cunhadas de Florensac, que gostavam muito da sobrinha, vinham visitá-la e não lho permitiam. Algumas vezes faziam-na esperar horas inteiras.

No dia 16 de setembro passado, minha mulher veio a Béziers e foi ao convento do P. Gailhac. Disseram-lhe que a nossa filha estava doente, mas que a doença não tinha gravidade e que a veria no domingo seguinte, quando ela estivesse restabelecida. No dia 18 do mesmo mês, o Senhor Gibbal, sacerdote ligado ao convento, veio a Poussan e disse-me que ela tinha passado mal a noite, mas que não era nada, que não fosse a Béziers e que ao meio dia me mandaria mais notícias.

No mesmo dia, minha mulher e eu partimos às onze horas e fomos ao convento por volta do meio dia. Lá disseram-nos que a nossa filha estava a morrer e que tinha feito a promessa de não ver os pais. A minha dor e exaltação atingiram o auge. Precipitei-me para o aposento onde supus que se encontrava a minha filha, contra a vontade das religiosas que lá estavam, e encontrei-a na cama já morta. Minha mulher viu-a também pouco tempo depois. À noite, a minha outra filha quis também ver a irmã morta. Deixaram-na entrar, mas foi depois de lhe terem feito prometer não chorar e não lhe tocar.



No dia seguinte teve lugar o enterro. Antes da cerimónia, o meu cunhado, a minha cunhada, uma das nossas primas e eu próprio pedimos para ver ainda a defunta. Todas as nossas súplicas foram inúteis. Responderam-nos que era impossível e realizou-se o funeral. Durante a ida para o cemitério, apercebi-me de que no público reinava uma certa exaltação por nos terem recusado vê-la e mostrava-se espantado porque, contra o costume, o caixão tinha sido atado com cordas. No cemitério, depois das orações e quando o caixão desceu à cova, o meu cunhado que estava muito irritado, pôs-se de permeio e fez descer para dentro Lucien Riquet, um dos nossos amigos mais íntimos, dizendo-lhe que descobrisse o caixão. Foi então que o P. Gailhac, o P. Gibbal e outras pessoas do convento se interpuseram e impediram o meu cunhado e Lucien Riquet de realizarem o seu intento. Várias jovens, amigas mais íntimas da defunta, tentaram igualmente descobrir o caixão. Dizia-se em voz alta que não tinha dentro a defunta. Entretanto fez-se a inumação sem outro incidente e retiraram-se todos muito emocionados. Uma mulher vestida de preto, que eu não conheço, exclamava: É preciso que um pai seja muito cobarde, para não se assegurar do conteúdo do caixão. A filha não está lá. Quem sabe o que fizeram dela!

Devo acrescentar que Lucien Riquet, meu cunhado e as jovens que queriam ver a defunta, não agiram nesta circunstância senão por interesse pela nossa infeliz situação e por simpatia pela nossa desgraçada filha.

Desde o dia do enterro, têm circulado entre o público rumores tão deploráveis, que eu julguei que devia mandar transferir os restos mortais da minha filha para o jazigo funerário da família Pra-

dines (?), o que eu fiz com a autorização do Senhor Maire e em presença do Comissário da Polícia.

E depois da leitura etc (sic) e assinou.

Segue-se o depoimento de Marie Jeanjean, 17 anos, irmã da defunta. Esta repete, mas muito mais resumidamente o que disse seu pai. Uma amiga de Claire Jeanjean faz em seguida um breve depoimento. Tinha 18 anos e era costureira. Disse que lhe tinham pedido para levar o pano de cobrir o caixão mas, como estava ligeiramente constipada, não quis vestir um vestido branco, leve para a estação. No cemitério queria ver o corpo da sua amiga e conta o que se passou no túmulo. A testemunha seguinte era o coveiro:

Jacques Gauzy  
coveiro

Depõe:

No dia do enterro de Madame Jeanjean, quando o caixão estava à beira da cova e foram ditas as primeiras orações, os pais pediram ao P. Gailhac para os deixar ver a defunta. Este respondeu-lhes que era impossível e deu-me ordem para descer o caixão à cova, o que nós fizemos imediatamente. Foi então que o Senhor Lucien perguntou aos pais se queriam vê-la e, tendo estes respondido afirmativamente, ele desceu à cova e, com uma faca, cortou uma das cordas que atavam o caixão. Durante esta operação, um dos irmãos do convento agarrou-o pelos cabelos para o impedir de continuar. Para acabar com esta cena escandalosa, os padres que estavam presentes mandaram-me descer à cova para pôr fora Lucien, o que eu fiz imediatamente e Lucien voltou a subir sem me opor a menor resistência.

Sete ou oito dias depois do enterro, O Senhor Jeanjean, pai, mandou transferir, na presença do comissário da polícia, o corpo da filha, da cova onde tinha sido sepultado para o jazigo fúnebre da família Pradines (?).

O Senhor Jeanjean e a filha mandaram descobrir o caixão para veram a defunta que estava horrivelmente inchada e desfigurada.

E após a leitura etc (sic) e assinou.

Marguerite Beulac  
24 anos  
costureira

Depõe:

No dia do enterro da Madame Jeanjean, vi o pai andar à volta do convento a chorar. Uma irmã perguntou-lhe porque é que não entrava no convento. Ouvi então alguém dizer: É que não querem deixá-lo entrar.  
Não sei nada do que se passou no cemitério.  
Não segui o cortejo até lá.

E após leitura etc (sic) declarou não saber assinar.

Lucien Callignac  
por apelido Riquet  
32 anos  
cocheiro em casa do Sr. Pradines (?)

Depõe:

No dia 19 de setembro passado, eu tinha ido como amigo da família Jeanjean ao enterro da Irmã St. Basile ao convento das arrependidas. Estava presente quando os pais pediram para a ver pela última vez antes da cerimónia, o que lhes foi recusado.



Quando chegámos ao cemitério e julgámos que a cerimónia tinha terminado, Paul Jeanjean, tio da defunta, pediu-me que o ajudasse a descobrir o caixão para ver a sobrinha. Aproximei-me então e escorreguei sem querer para dentro da cova. Paul Jeanjean deu-me uma faca para cortar as cordas que atavam o caixão e eu cortei uma. Fui impedido de continuar pelos irmãos do convento, que me agarraram pelos cabelos e me puxaram violentamente. Deitaram-me também terra por cima e eu fui obrigado a sair da cova. O Senhor Birouste, sacerdote, disse: Quem é este indivíduo? Tem o aspecto de um mau homem.

P. Você fez muito mal em perturbar assim a cerimónia religiosa a que assistia e sobretudo em descer à cova?

R. Eu procedi assim, a pedido dos pais da defunta e por causa da minha amizade pela família, cuja situação deploro profundamente. Todas as pessoas à nossa volta tinham-nos excitado com os seus ditos. Uns diziam que a defunta não estava no caixão, outros que a tinham enterrado completamente nua e toda a gente vociferava contra o P. Gailhac.

E após a leitura etc (sic) e assinou.



*Andrine Bourrile, costureira de 27 anos de idade, acrescenta que, no cemitério, uma jovem levantou os panos que cobriam o caixão e disse: Devem vê-la. Andrine Bourrile, ao ver o que em seguida se estava a passar, retirou-se imediatamente com as religiosas do convento.*

*A testemunha seguinte, Aphrodise Cannac, é o tio de Claire Cannac, Irma Oblata. Vem, em seguida, o depoimento da mãe.*

Aphrodise Cannac  
46 anos  
cabeleireiro

Depõe:

Há cerca de dois anos, minha sobrinha Cléri Cannac entrou como religiosa no convento do Bom Pastor dirigido pelo P. Gailhac. À mãe, assim como a mim e aos meus filhos, foi-nos permitido vê-la algumas vezes. Pareceu-nos um pouco doente, o que atribuímos às consequências da cólera e das bexigas que ela tinha tido algum tempo antes da nossa visita. Aproximadamente há um mês, encontrando-me eu em casa do P. Gibbal, de quem sou cabeleireiro, este disse-me: Tenho a dar-te uma má notícia. A tua sobrinha morreu e até já foi enterrada. Eu respondi-lhe: Porque não preveniram a família? O P. Gibbal replicou: Eu estava na quinta quando a tua sobrinha morreu e só depois de chegar é que soube. Eu insisti e disse-lhe: O P. Gailhac ou qualquer outra pessoa da casa deviam ter prevenido a mãe. Mesmo nos conventos de clausura expõem as pessoas mortas antes de as enterrar e é permitido aos pais prestarem as últimas homenagens fúnebres. O P. Gibbal respondeu: a nossa regra não é assim. E após a leitura etc (sic) e assinou.

Marguerite Cannac  
42 anos  
empregada doméstica

Depõe:

Desde a idade dos 15 a 16 anos, Cléri Cannac, minha filha natural, tinha manifestado várias vezes o desejo de ser religiosa. Tinha querido primeiro entrar nas "dames de Sainte Claire" e nas irmãs enfermeiras, mas recusaram recebê-la por ser filha natural. Persistindo sempre na sua vocação, quando atingiu os 21 anos, foi recebida na fundação do P. Gailhac, onde fez a sua profissão. Vi-a no dia da tomada de hábito e ainda outras vezes, a convite das senhoras da instituição. Há cerca de um ano caiu doente com a epidemia da cólera e algum tempo depois com as bexigas. Não fui prevenida e só soube da doença depois dela estar curada.

Há dois meses aproximadamente, recebi a visita da minha sobrinha, Marie Cannac, que veio ter comigo a casa do P. Molinié, de quem sou empregada doméstica e que me disse: Tia, não saia. Porquê? disse-lhe eu. Respondeu-me: É que a sua filha morreu e já foi enterrada. Fiquei consternada com a notícia desta morte que nada me fazia prever, porque o meu irmão, o Senhor Cannac, cabeleireiro, tinha-me dito algum tempo antes que a minha filha estva de boa saúde.

Como a minha filha tinha sido enterrada no meio do cemitério, sem que a campa fosse indicada com uma cruz, mandei fazer uma, na qual foi gravado o seu nome e colocada na dita sepultura.

E após a leitura, etc (sic) declarou não saber assinar.

*Finalmente, o médico que tratou a Irmã St. Basile descreve detalhadamente a sua doença e as circunstâncias da sua morte.*

Jacques Guillaume  
Félix Fraisse  
doutor em medicina  
cavaleiro da  
Legião de Honra

Depõe:

Na sexta-feira, 14 de setembro passado, fui chamado por Madre Cure, superiora do convento de Bom Pastor, afim de ver Mme. Jeanjean, religiosa do dito convento, que estava doente. As pessoas que rodeavam Mme. Jeanjean responderam à minha pergunta sobre o seu estado que as fezes eram negras e tinham um cheiro nauseabundo. Pedi para as ver e a resposta foi que não podiam mostrar-mas, porque tinham sido obrigadas a deitá-las fora imediatamente, por causa do seu cheiro insuportável. Disse então à Madre Cure que se tratava de uma doença que nós chamamos em medicina "Méloena". Receitei então gelo, banhos de assento frios, bebidas adstringentes e tisanas da mesma natureza. Como não foi possível obter gelo, substitui por água do poço. No dia seguinte, 15 de Setembro, fui ver de novo a doente e continuei o mesmo tratamento.

No dia 16 voltei ao convento e receitei uma aplicação de sanguessugas na curva do braço. Mas, antes de as aplicar, tive o cuidado de me informar se havia muito tempo que a doente tinha tido a menstruação. A própria Mme Jeanjean respondeu-me que havia cerca de 20 dias e que tinha durado três ou quatro dias, como de costume. Depois deste esclarecimento, não hesitei em receitar a aplicação



das sanguessugas como já disse acima. No mesmo dia, na visita da noite, encontrei a doente num estado mais satisfatório, o que ela própria me confirmou e que eu atribui à aplicação das sanguessugas, feita de manhã. Na segunda-feira 17, ao ver que a doente estava melhor, decidi ir passar alguns dias a Villeneuve, aldeia próxima de Béziers, tendo pedido ao P. Gailhac que me mandasse chamar, se sobreviesse algum incidente. Na terça-feira 18, um criado da Madre Cure veio informar-me, pelas seis horas da manhã, que Madame Jeanjean se encontrava pior e que era urgente que eu partisse imediatamente com ele. Encontrei a doente num estado alarmante e apresentando todos os sintomas de uma morte próxima. Fiquei junto dela até às oito horas e meia, à espera que o P. Gailhac tivesse acabado de celebrar a Missa para lhe comunicar os meus receios e aconselhá-lo a dar os últimos sacramentos e o mais depressa possível. Parti imediatamente para Villeneuve depois de ter estado com o P. Gailhac e fui informado mais tarde que ela tinha morrido quatro horas depois da minha visita.

Desde a fundação da instituição do P. Gailhac, que remonta a uns 30 anos, estive ligado ao serviço da casa, como médico gratuito a convite de Monsenhor Fournier, antigo bispo de Montpellier. Depois que os meus trabalhos me não permitiram ocupar-me tão activamente da missão que me estava confiada, associei a mim o doutor Martel, mas tenho como um dever ser útil todas as vezes que sou chamado, o que acontece ordinariamente nas doenças graves.

Devo dizer, antes de terminar o meu depoimento, que as doentes da instituição são muito bem tratadas e que a Senhora Superiora e o P. Gailhac lhes dispensam uma carinhosa solicitude. E após leitura, etc (sic) e assinou.



## DOCUMENTO VI

*Carta do Sub Prefeito de Béziers ao Prefeito  
do Hérault*

*6 de outubro de 1855*

Senhor Prefeito

Em resposta à carta de 27 do mês passado, tenho a honra de vos devolver as duas denúncias, que vos dirigiu um Pseudónimo, contra o P. Gailhac, fundador do convento do Bom Pastor em Béziers, a respeito da morte de duas jovens que teria sido ocultada a seus pais.

O autor desconhecido dessas denúncias fantasiou e exagerou singularmente os factos. Eis o que se passou:

Mlle. Jeanjean morreu com uma hemorragia intestinal; tinha sido visitada por seu pai durante o decurso da doença. Morreu rapidamente e sem que os pais tenham tido tempo de vir assistir aos seus últimos momentos. Quando faleceu, o seu corpo estava terrivelmente inchado e desfigurado e puseram dificuldade em o deixar ver. No entanto, não foi recusada esta satisfação ao pai, à mãe e à irmã. O corpo foi colocado num caixão muito grande e que mesmo assim não teria podido contê-lo se não tivessem segurado a tampa com um cordão. Quando o préstito fúnebre saiu, alguns parentes e amigos de Mlle Jeanjean quiseram ver o corpo; mas teria havido imprudência em descobrir em público um cadáver em putrefacção. O cortejo não parou. Quando o caixão já estava na cova e se julgaram terminadas as orações da Igreja, uma amiga da defunta atirou-

-se lá para dentro e quis abrir o caixão; mas foi impedida de o fazer unicamente porque a vista de um cadáver tão decomposto teria impressionado demasiado os assistentes. O P. Gailhac apresentou queixa no Gabinete do Tribunal e queria fazer processar as pessoas que perturbaram o fim da cerimónia por terem impedido o livre exercício do culto. O Tribunal, depois de ter examinado o processo, julgou que era prudente não lhe dar seguimento.

Mlle Cannac era filha natural de uma mulher de má vida. Para se subtrair ao perigoso exemplo e à excitação da mãe, tinha-se consagrado à vida religiosa. Desde a entrada no convento não tinha havido mais relação entre ela e a mãe. Foi esse o motivo por que na ocasião do falecimento de Mlle Cannac, a mãe não foi chamada para junto dela e só foi prevenida da sua morte ao fim de alguns dias. Mas ela foi visitada por outros parentes e a sua morte tinha sido comunicada a seu tio que lhe fazia as vezes de pai e que assistiu ao funeral.

De resto, o Senhor Procurador Imperial que conhecia as mesmas acusações, requereu uma informação e assegurou-se de que não havia razão para prosseguir e que este assunto não tinha a menor importância. Se fizeram algum barulho, foi devido a numerosas animosidades que existem em Béziers, mesmo entre o clero, contra o Padre Gailhac e a Directora da instituição do Bom Pastor.

Digne-se aceitar, Senhor Prefeito, a expressão dos meus respeitosos sentimentos

O Sub Prefeito de Béziers  
(assinatura)

DOCUMENTO VII

*Carta do Procurador Geral a Monsenhor Thibault,  
Bispo de Montpellier*

*22 de outubro de 1855*

Senhor Bispo,

Recebi do meu substituto junto do tribunal de Béziers, um relatório sobre o processo instruído nesta instância, por ocasião do rumor propagado contra o P. Gailhac e a casa religiosa que ele fundou e também sobre os factos infinitamente lamentáveis que assinalaram o funeral da Religiosa Marie Claire Jeanjean.

Sinto o dever de comunicar este documento a Vossa Excelência.

Há-de notar que as calúnias, inventadas pela mais odiosa maldade contra o P. Gailhac e a sua casa, foram postas a descoberto e que este digno e virtuoso eclesiástico, cuja piedade e caridade nunca deveriam senão provocar elogios, foi falsamente acusado por homens que, infelizmente cobertos com a máscara do anonimato, não puderam ser reconhecidos: que nenhum dos factos articulados em sentido contrário foi provado, que está pelo contrário demonstrado, que ele não deu nenhum passo, não fez nenhuma tentativa para coagir vocações, que não deu nenhum motivo de queixa fundada às famílias Cannac e Jeanjean durante a última doença destas duas religiosas, assim como depois da sua morte e não cessou de merecer o apoio, a estima, a benevolência do seu bispo.

Houve um escândalo no cemitério de Béziers, no dia 19 de setembro. Seria susceptível de ser processado.

Se a acção judicial pudesse ser posta sobre um terreno onde se encontrassem os caluniadores do P. Gailhac, eu tê-lo-ia ordenado, mas ela só poderia atingir dois estouvados, um rapaz e uma jovem que, cedendo a uma exaltação irreflectida, que as circunstâncias atenuam sem a justificar, perturbaram o exercício do culto e os debates não poderiam levar à satisfação pública que eu desejava para o P. Gailhac, ultrajado.

Senhor Bispo, com as coisas neste estado, eu partilho da opinião emitida pelo meu substituto e as considerações que ele invoca determinam-me a deixá-lo livre de não se opor ao mandado de procedência judicial, que parece ser a intenção do magistrado.

Recomendo-lhe, todavia, que procure com o maior cuidado os caluniadores do P. Gailhac e nos faça conhecer, se as suas investigações chegarem a uma conclusão, afim de que eu possa descobrir o meio de pôr um termo a infâmias inconcebíveis.

Digne-se aceitar, Senhor Bispo, a homenagem do meu profundo respeito.

O Procurador Geral Imperial

(assinatura)



## APÊNDICE

Lista dos documentos relativos à perseguição de 1855. Os documentos marcados com um asterisco(\*) não estão reproduzidos nesta brochura.

<u>Documentos históricos</u>	<u>Data</u>
1. Carta do citado Paul Louis ao prefeito do departamento do Hérault. (Doc't.1)	25-9-1855
2. Carta do citado Paul Louis ao procurador geral de Montpellier (Doc't.11)	25-9-1855
*3. Carta do citado Paul Louis ao prefeito do departamento do Hérault	26-9-1855
4. Carta do citado Paul Louis ao procurador geral de Montpellier (Doc't. 111)	26-9-1855
*5. Carta do prefeito do Hérault ao sub-prefeito de Béziers	27-9-1855
6. Carta anónima ao procurador geral (Doc't.1V)	27-9-1855
7. Cópia do processo criminal que se seguiu à imunação da religiosa St. Basile (Doc't.V)	2-10-1855
8. Carta do sub-prefeito de Béziers ao prefeito do Hérault (Doc't.V1)	6-10-1855
9. Carta do procurador geral de Montpellier ao bispo (Doc't.V11)	22-10-1855

<u>Conteúdo</u>	<u>Natureza do documento</u>
Morte de M. Jeanjean	Fotocópia de uma cópia. Original nos arquivos do departamento.
Cópia da carta ao prefeito.	Cópia manuscrita do original. Encontrada em Seafield, Inglaterra.
Morte de M. Cannac	Fotocópia de uma cópia. Original nos arquivos do departamento.
Cópia da carta ao prefeito	Cópia manuscrita do original. Encontrada em Seafield, Inglaterra.
Comunicação das duas cartas de Paul Louis com o pedido de examinar essas denúncias.	Fotocópia de uma cópia. Original nos arquivos do departamento. Cópia manuscrita do original. Encontrado em Seafield, Ing. Encontrada em Seafield, Ing.
Morte de duas religiosas Depoimentos dos interessados	Cópia manuscrita do original. Encontrada em Seafield, Ing.
Resposta à carta do prefeito de 27-9-855 (cf.5)	Fotocópia de uma cópia. Original nos arquivos do departamento.
Comunicação de informações relativas ao assunto.	Original e cópia manuscrita. Encontrada em Seafield, Ing.

Documentos anexos

Data

- \*10. Carta do arquivista do departamento do Hérault ao arquivista do Paço Episcopal. 10-2-1960
  
- \*11. Carta do Senhor Cônego Marechal à Superiora Geral (M.Rita Rowley) 23-5-1963

Conteúdo

Natureza do documento

Correspondência do Tribunal de 1855/58 não existente nos arquivos

Fotocópia.

Documentos encontrados nos arquivos do departamento (cf. 1,3,5,8).

Fotocópia.